

O conto em língua portuguesa em sala de aula

The short-story in Portuguese in the classroom

DEMÉTRIO ALVES PAZ *

Resumo: No presente ensaio apresentamos o projeto “O conto em língua portuguesa em sala de aula” (aprovado no edital FAPERGS 03/2012 – ARD), no qual desenvolvemos um trabalho didático com o gênero em língua portuguesa, realizando um levantamento de autores brasileiros, portugueses e africanos para serem lidos em sala de aula, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, de acordo com temas adequados para cada faixa etária e série, em duas escolas de Educação Básica do município de Cerro Largo - RS. Após a realização das atividades propostas, percebemos que a leitura desses textos literários contribuiu para o estabelecimento de relações entre o leitor e o mundo.

Palavras-chave: leitura, conto, literaturas de língua portuguesa.

Abstract: In this essay we present the project “The short-story in Portuguese language” (approved in notice FAPERGS 03/2012 ARD), in which we developed a didactical task with the gender in the Portuguese language, making a selection of African, Brazilian and Portuguese writers to be read in the classroom with students from the 6th grade of Elementary school to senior High school, according to adequate themes to each age and grade, in two schools of Elementary education in the city of Cerro largo – RS. After the application of the proposed activities, we perceive that the reading of these literary texts contributed to the development of relations between the reader and the world.

Keywords: reading, short-story, literatures in Portuguese.

* Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Cerro Largo – RS.

projeto

Com o projeto o conto em língua portuguesa em sala de aula¹, desenvolvemos um trabalho didático com o gênero em língua portuguesa, realizando um levantamento de autores brasileiros, portugueses e africanos para serem lidos em sala de aula, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, de acordo com temas adequados para cada faixa etária e série, em duas escolas de Educação Básica do município de Cerro Largo - RS. A partir de leituras teóricas sobre o conto, percebemos sua importância na formação de leitores. Por esse motivo, fizemos uma seleção de contistas africanos, brasileiros e portugueses para serem lidos em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Vimos no conto uma porta de entrada para conquistar novos leitores e introduzi-los ao estudo e leitura de literatura. Partindo dessa perspectiva, resolvemos usá-lo como ferramenta para colaborar com a formação de leitores. O trabalho desenvolveu-se a partir de pesquisas bibliográficas e observações em sala de aula, em relação ao tema delimitado. Para tanto, contamos com a colaboração do PIBID/Letras Cerro Largo para a realização das atividades elaboradas a partir dos contos selecionados. Com isso, objetivamos promover a experiência literária, isto é, a de ler, debater, confrontar opiniões a respeito do texto e, a partir disso, construir conhecimentos sobre o texto lido.

Por que o conto?

Julgamos muito oportuna a observação de Alfredo Bosi (2001, p.7) de que “se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção. [...] daí ficarem transpostas depressa as fronteiras que no conto separam o narrativo do lírico, o narrativo do dramático.” Portanto, o conto possui dentro da sua brevidade todos os elementos das narrativas longas e de outros gêneros também. Por sua concisão, os textos do gênero, tal como propôs Edgar Allan Poe, podem ser lidos de uma vez só. Assim,

¹ O projeto contou com apoio financeiro da FAPERGS, por meio do edital 03/2012- ARD.

a leitura pode ser realizada em sala de aula com os alunos, tal como propomos mais adiante.

Percebemos a leitura como um ato ativo e responsivo. Dessa forma, a leitura dos contos será sempre um ato em que os sujeitos ofertarão suas próprias palavras às palavras do texto e não uma leitura passiva, com meras reproduções, afinal “um leitor que não oferece às palavras lidas as suas contrapalavras, recusa a experiência da leitura. É preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto” (GERALDI, 2007, p. 43). Buscamos sempre o diálogo com os alunos, proporcionando um ambiente no qual a sua visão era tão importante quanto qualquer outra.

Concordamos plenamente com Nancy Huston (2010, p.72) ao afirmar que “ser civilizado é reconhecer a identidade como uma construção, é se interessar por mil textos e, através deles, aprender a se identificar com seres que não se parecem com a gente.”, visto que, em nosso projeto, um dos objetivos foi o de proporcionar aos alunos diferentes mundivivências por meio de contistas de língua portuguesa. Ao apresentar textos de autores africanos, brasileiros e portugueses, os alunos tiveram contato com diversas concepções de mundo e, ainda que por meio da leitura, com realidades distintas e distantes das que eles vivem.

O conto em língua portuguesa: um percurso

Desde o último quartel do século XIX há, na literatura brasileira, duas correntes do conto: uma naturalista/realista, outra psicológica. O conto psicológico, que tem em Machado de Assis o seu melhor e maior representante, busca no ser humano o seu tema, desenvolvendo os conflitos internos do homem em qualquer situação. Por outro lado, o conto naturalista/realista transforma-se em regionalista e urbano. Nesses há o conflito externo do homem – homem x natureza, homem x cidade, homem x homem (LIMA, 2005). Apesar de a origem do conto brasileiro estar no Romantismo, foi durante o Realismo/Naturalismo que ele adquiriu maturidade e mais cultores.

Antonio Candido em “A nova narrativa” chama atenção para o amadurecimento da literatura brasileira ao longo do século XX (que ainda era dicotomizada: urbana e regionalista) para desaguar em Clarice e Guimarães Rosa. Com o caminho aberto pelos dois autores, nos anos 60 e 70 ficou mais fácil a “legiti-

mação da pluralidade” (CANDIDO, 2001, p. 209) pelos escritores que surgiram a partir de então. Além disso, ocorreu a queda da barreira entre os gêneros por meio da incorporação de diferentes técnicas e linguagens. Entretanto, por maior que possa parecer a diferença entre esses escritores, todos têm um cuidado com a narração e a busca por uma nova expressão. É essa preocupação que permeia o conto brasileiro contemporâneo desde os anos 60.

Ao tratar do conto contemporâneo, Alfredo Bosi (2001) afirma que o conto é o destino da ficção contemporânea, visto que ele assume diversas formas devido ao fato de estar situado entre a narração de tradição realista, o fantástico e o experimentalismo formal. De acordo com esse crítico, o conto seria a condensação e a potencialização das possibilidades da ficção, pois a sua brevidade exige muito do escritor.

Bosi (2001, p. 8) comenta que o conto é o lugar de “situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” ocorrerem. Como essas situações aparecem no texto? O conto deve ter uma unidade de sentido, que é obtida pela escolha de uma situação exemplar pelo narrador, por isso “o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação” (BOSI, 2001, p. 9). O trabalho do contista será o de reinventar essa situação buscando aquilo que não foi visto e sentido pelos outros. Situações essas que precisam ser apresentadas em diversos temas: a vida no campo, as relações familiares, a violência urbana, a lembrança do passado, entre outros.

Em Portugal, o século XVI vê o surgimento de um contista: Gonçalo Fernandes Trancoso, mas que não terá continuadores até o século XIX. A prosa dos séculos XVII e XVIII quase resume-se a obras com intuito moralizante. Somente a partir do Romantismo, que o conto reaparece em duas linhas: histórica e popular. A primeira tem em Alexandre Herculano o exemplo mais fecundo em *Lendas e Narrativas* (1851). A segunda está mais bem representada na obra de Rebelo da Silva *Contos e Lendas* (1873).

Entretanto, o conto só se tornou um gênero nobre no Realismo (MOISÉS, 2004)². Os dois contistas mais exemplares do final do século XIX foram Fialho de Almeida e Trindade Coelho. Há, na literatura portuguesa, desde esse período,

² Ao contrário do que ocorreu na literatura brasileira, o Modernismo português divide-se pelos nomes das revistas ou ideários estético-sociais que agrupavam escritores: há os grupos da revista *Orpheu*, da revista *Presença* e os neorrealistas, por exemplo.

uma preocupação de denúncia dos males da sociedade. Percebe-se que, assim como no Brasil, é a partir da nova estética que o gênero adquire maturidade e independência. Já no século XX, o conto adquire mais cultores e leitores devido ao fato de ser “o gênero que se coaduna melhor com o espírito de nosso tempo, marcado pela velocidade, pelo aproveitamento científico do ócio ou do lazer” (LINHARES, 1968, p. 3).

Desde os anos trinta do século passado que o conto passa a ser um dos principais gêneros da literatura portuguesa, concorrendo em número de escritores com a poesia. Nomes como José Régio, Miguel Torga, Fernando Namora, Urbano Tavares Rodrigues, José Cardoso Pires atestam a qualidade do conto português. Há ainda muito a oferecer no pós-74, visto que alguns escritores ainda estão vivos e produzindo. Lídia Jorge e Teolinda Gersão são alguns exemplos de romancistas que também produziram contos. Ao lado deles cabe destacar os nomes de Mário de Carvalho, Mário Cláudio, Wanda Ramos, António Arnaut, Manuel Alegre, Bento da Cruz, João de Melo. No século XXI, escritores que iniciaram a carreira literária no século anterior, assim como os novos que surgiram na última década, prolongam uma tradição contística relevante, ainda que haja uma preferência pelo romance de autores surgidos a partir dos anos 90.

Em relação às literaturas africanas de língua portuguesa, Maria Aparecida Santilli (1985) ressalta a importância do século XX, visto que a dominação europeia do século XIX reprimia a produção intelectual nas colônias. O século passado viu não só a independência das nações, mas também a formação de uma literatura capaz de representá-las. Em Moçambique, Angola e Cabo Verde surge uma geração que formará as bases de cada literatura, possuindo o conto relevância tanto na produção dos escritores quanto na representação da experiência colonial.

Muito do que se conhece das origens dessa produção deve-se às antologias, tal como aponta Santilli (1985). Se Angola, Moçambique e Cabo Verde têm representantes bem conhecidos no Brasil: Pepetela, Mia Couto, Manuel Ferreira, os de Guiné-Bissau e São Tomé são desconhecidos do público brasileiro, excetuando-se alguns especialistas e alunos dos cursos de Letras. Mais uma vez, se não fossem as antologias, pouco se saberia e menos ainda se conheceria do que foi produzido lá. Em coletâneas, é mais fácil reunir poemas e contos, quer pelo seu tamanho, quer pela abrangência que pode ser obtida, tanto temporal quanto numericamente.

Apesar de partes da África ser rota comercial e posse de Portugal desde o século XV, somente na segunda metade do século XIX inicia-se a preocupação com o ensino e surge a imprensa com jornais, revistas, associações culturais e recreativas, e obras literárias como *Scenas d'África*, de Pedro Félix Machado, *Nga Muturi*, de Alfredo Troni, ambas de 1882 e publicadas em folhetim, em Portugal. Há, também, *O escravo*, de José Evaristo de Almeida (Santilli, 1985).

Na fase de busca por uma identidade africana, que, de certa forma, concretiza-se com a independência, em Angola destacaram-se os nomes de Castro Soromenho, José Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, Boaventura Cardoso, Jofre Rocha, Pepetela e dos poetas também prosadores Agostinho Neto, Antônio Cardoso, Costa Andrade, Arnaldo Santos. Como se pode perceber, não há dicotomia entre poesia e prosa na produção literária, pois muitos poetas foram também prosadores, talvez porque, às vezes, a prosa tenha um alcance maior do que a poesia. A partir do final dos anos 90, José Eduardo Agualusa e Ondjaki estão entre os mais conhecidos do público brasileiro.

A revista *Itinerário*, em Moçambique, publicou contos de Augustos dos Santos, Ilídio Rocha, Ruy Guerra, Sobral dos Santos e Vergílio de Lemos. Depois surgiram João Dias, Luís Bernardo Honwana e Carneiro Gonçalves. Pós-independência, Mia Couto e Nelson Saúte têm obras publicadas no Brasil. Em Cabo Verde, Manuel Lopes, Baltasar Lopes, Gabriel Mariano, Manuel Ferreira, Orlanda Amarílis e Teixeira de Souza são os prosadores mais difundidos fora do país. Já em Guiné-Bissau, os autores ligados à editora Ku Si Mon, como Odete Costa, Uri Sissé, Olonkó, Julie Agossá Djomatin, Andrea Fernandes são nomes não desconhecidos aqui no Brasil. E, em São Tomé e Príncipe, Albertino Bragança é o prosador mais reconhecido, visto que a poesia tem uma força maior lá.

Assim sendo, a literatura em língua portuguesa, seja ela europeia, americana ou africana, tem no conto uma das principais e mais originais vertentes da ficção, colaborando para a inovação formal, linguística, temática tanto quanto a representação de diferentes vivências e visões de mundo. O conto, portanto, é uma das formas de conhecer e apreciar a riqueza da prosa ficcional em nosso idioma.

Buscamos contos nos quais “reinventa-se a língua portuguesa e reinventa-se o homem real que nela e por ela se exprimem e se comunicam. A literatura é também jogo, catarse, evasão, terapêutica, mas é, conjuntamente com tudo isto e acima de tudo isto, forma de conhecimento.” (SILVA, 2010, p. 186) Propor-

cionamos aos alunos não só diferentes textos, mas também as diversas formas de linguagem apresentadas neles. Não há como passar por textos de Manuel Alegre, Guimarães Rosa, Mia Couto, entre tantos outros, sem perceber a elaboração da linguagem.

Letramento Literário: uma metodologia viável

Fala-se de uma crise no ensino de Língua Portuguesa e, consequentemente, de sua literatura, desde os anos 70. De lá para cá muito tem sido feito para melhorar e qualificar a educação e os professores. O que apresentamos aqui é um relato de uma experiência no noroeste do Rio Grande do Sul. Temos consciência de que o ensino de literatura não deve ser restrito a um gênero, mas este ensaio trata somente do conto. Logo, romance, poesia e teatro estão excluídos aqui, mas não da prática dos docentes que acompanhamos no projeto, pois são tão importantes quanto o gênero aqui estudado.

Na obra *Letramento Literário* (2011), Rildo Cosson parte de teorias a respeito do ensino de leitura para elaborar a sua metodologia. O autor sistematiza duas sequências: a básica e a expandida. Como não éramos os professores regentes (foi dado aos bolsistas um período por semana para aplicar as atividades), só pudemos aplicar o primeiro tipo de sequência e sobre ele discutiremos a seguir.

A sequência básica possui quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Como o nome diz, a motivação serve como preparação do encontro entre aluno e obra. Cosson (2011, p. 53-4) ressalta que “Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, consequentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras”. Depois de cumprida esta etapa, que não deve exceder uma aula, tem-se a introdução, isto é, o momento de apresentação do autor e da obra. De preferência, com a obra física, para que os alunos possam manuseá-la e visualizá-la, estabelecendo relação entre o texto escrito e o conjunto da obra da qual faz parte. Percebemos que o contato físico com as obras é importante para essa relação. Assim como a motivação, ela não deve ser muito extensa, pois o mais importante são as duas etapas seguintes.

A terceira é a leitura. Com os contos, realizamos duas leituras: a silenciosa e individual, feita pelos alunos, e a coletiva, efetuada pelo professor e alguns

alunos. Para que toda a sequência pudesse ser cumprida integralmente, para as duas leituras era determinado um tempo, de acordo com o tamanho do texto. Na maioria das vezes, as duas leituras e as dúvidas referentes ao vocabulário do texto eram concluídas em um único período. A interpretação contém dois momentos: um interior, encontro do leitor com a obra; e o exterior, no qual ocorre a discussão da obra, o compartilhamento de interpretações e o registro, que pode ser feito de diversas formas. Para cada sequência básica, utilizamos, em média, quatro períodos.

Optamos pelo conto por pensarmos que a leitura e discussão em aula estimulavam a troca de saberes e interpretações entre os alunos. Do texto são extraídos os diferentes sentidos no texto, razão pela qual concebemos as atividades de compreensão. Acreditamos que o estímulo à oralidade é também um grande fator de aprendizado para os alunos, por fazê-los verbalizar frente aos outros suas opiniões. Da mesma forma que Teresa Colomer e Anna Camps (2011, p. 63), acreditamos que:

O professor deve conhecer as ideias de seus alunos em relação àquilo que se propõe ensinar, tanto para poder descobrir se possuem apoios conceituais suficientes para incorporar os novos conhecimentos como para tentar entender sua forma de proceder e de interpretar o escrito, visando favorecer a evolução positiva desses conceitos no desenvolvimento das aprendizagens.

Partir do que os alunos conhecem ou têm antes de apresentar algo novo é essencial para a eficácia das propostas. Temos também consciência de que devemos “munir o leitor da informação necessária para que as obras voltem a lhe falar” (JOUVE, 2012, p. 146)

Para a seleção dos textos a serem lidos pelos alunos das escolas, valemo-nos de nossa experiência como docente no curso de Letras nos semestres iniciais (a grande maioria dos alunos é oriunda de escolas da região), assim como do curso de extensão ministrado por nós em 2013, nos quais percebemos o desconhecimento de autores brasileiros pós-64, de portugueses, principalmente do século XX e quase totalmente de africanos. Para a elaboração das atividades, optamos por contos dos seguintes autores: Rubem Fonseca, Moacyr Scliar, Machado de Assis, Osman Lins, Lygia Fagundes Teles, Sérgio Faraco, Dalton Trevisan, Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Fernando Sabino, José Saramago, Lídia Jorge, Te-

olinda Gersão, Maria Ondina Braga, Sophia de Mello Breyner Andresen, Nelson Saúte, Manuel Alegre, Ondjaki, Mia Couto, Boaventura Cardoso, Luís Bernardo Honwana, Jofre Rocha, Wanda Ramos, Nélia Piñon e Arnaldo Santos.

Dessa forma, o letramento literário serviu como base para as atividades a serem aplicadas com os contos em sala de aula. Como Magda Soares (2012, p. 44) ressalta: “O letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida”. Assim, não ofertamos aos alunos só ler os textos, mas também produzir outros a respeito do que leram. Ou como Lena Lois (2010, p. 19) aconselha: “Ler para ampliar sua bagagem, expressar sua subjetividade e ir adiante em sua contribuição social. [...] Ler o mundo é o primeiro passo para se querer saber do mundo”. cremos que expusemos os alunos a uma gama de textos que lhes possibilitou a ampliação não só da bagagem cultural, mas também de sua visão de mundo, percebendo que este é mais amplo do que pensavam. Quisemos justamente poder, de alguma forma, colaborar para esse alargamento dos horizontes de leitura, buscando em textos curtos escritos em língua portuguesa, principalmente do século XX, a iniciação dos novos leitores.

Inicialmente entramos em contato com quatro escolas da cidade de Cerro Largo (RS) contando com ensino particular, municipal e estadual: duas possuíam somente o Ensino Fundamental, uma, o Ensino Médio e outra, o Ensino Fundamental e Médio. Entretanto, com o tempo curto para a realização do projeto, decidimos trabalhar com apenas com duas que se dispuseram a participar: uma da rede estadual e outra da rede particular. Esse fato prejudicou nosso projeto, pois tínhamos o objetivo de aplicá-lo em todas as séries finais do Ensino Fundamental e todas do Ensino Médio, porém só pudemos aplicá-lo em 6º, 7º e 8º ano do Fundamental e 1º do Médio.

Selecionamos de início um conto de Dalton Trevisan, “Uma vela para Dario”, e um de Rubem Fonseca, “Relato de ocorrência” para ser aplicado em todas as séries. Além desses, quatro outros contos dos outros autores anteriormente citados foram abordados em cada série, individualmente. A partir disso, solicitamos aos professores (efetivos ou bolsistas de iniciação à docência) a leitura em sala de aula com os alunos e o desenvolvimento de atividades a respeito dos textos. Elaboramos questões de vocabulário (realizadas oralmente, com o objetivo

de uma melhor compreensão do texto), de interpretação e também sugerimos produção textual.

Contamos com a ajuda de uma professora de Língua Portuguesa (supervisora do PIBID/LETRAS e aproveitando o apoio de bolsistas do projeto) para ministrar as aulas nas turmas de 6º ao 8º ano, visto que a escola já segue o atual modelo de ensino com divisão em 9 anos, na escola da rede Estadual. A professora demonstrou, desde o início, muito interesse na aplicação de todas as atividades propostas, e tivemos nessa escola todos os contos e atividades trabalhados. O objetivo principal de nosso projeto foi a formação e recuperação de leitores de literatura, por isso recebemos o convite para ministrar uma palestra sobre a importância da leitura e apresentar algumas obras que pudessem despertar o interesse dos alunos. Acreditamos ter obtido muito sucesso nessa atividade, tendo em vista os comentários positivos dos professores.

Na escola da rede particular também contamos com a colaboração de uma professora. Entretanto, nessa escola encontramos certa dificuldade na aplicação das atividades, visto que a professora precisava cumprir uma série de conteúdos pelos quais era cobrada. Em função do calendário, somente os dois contos-piloto e as atividades foram aplicados.

Estudar teorias é mais fácil do que as pôr em prática. A realidade que encontramos muitas vezes não preenche as expectativas esperadas por parte de quem elaborou e criou um projeto, como em nosso caso. Tínhamos objetivos que não puderam ser alcançados por falta de estrutura e tempo disponível – percebemos que um semestre não foi o suficiente para aplicar o que tínhamos planejado. Na verdade, descobrimos que o ideal seria acompanhar duas turmas (uma no ensino público e outra no privado) durante toda a formação escolar, para averiguar, de fato, a melhoria da prática de leitura de textos literários. Isso nos faz pensar em como nossa educação deve ser melhorada, não somente em estrutura física, mas também em estrutura pessoal, pois os professores são obrigados a cumprir um currículo, que, muitas vezes, não atende às necessidades dos alunos ou não dá espaço para a criatividade, muito menos incentiva a formação de leitores.

Algumas práticas

Partindo de uma ideia de Vincent Jouve (2012, p. 147) – de que “o texto literário também (e sobretudo) extrai valor dos conteúdos que antecipa. Uma obra passa para a posteridade quando é capaz de responder a outras questões, além daquelas que eram postas na época de sua criação” –, elaboramos atividades de produção após a leitura do texto, para que os alunos se sentissem desafiados. Atualmente, debate-se e preocupa-se muito com o ensino de gêneros na escola, algumas vezes com interpretações equivocadas sobre o que alguns teóricos disseram e propuseram. Portanto, sendo nosso objetivo o uso efetivo de textos literários em sala de aula, propusemos atividades de escrita a partir dos contos lidos para que os alunos fizessem uso também de outros gêneros além do conto literário em suas produções. Como Silva (2010, p. 187) bem explicita:

O texto literário proporciona uma consciência, uma destreza metalinguística e metatextual que nenhum outro tipo de texto pode propiciar. O texto literário solicita a atenção do leitor/aluno para os níveis fonológico, sintático, lexical, semântico e pragmático da linguagem, para os modelos e estratégias dos diferentes gêneros discursivos, para a riqueza e profundidade da memória textual (e a cultura, como memória, conserva-se, irradia e transforma-se sob a forma de textos).

Acreditamos que, ao solicitar a produção de diferentes textos, após a leitura e discussão dos contos, proporcionamos a riqueza dos diferentes níveis da linguagem aos alunos. Temos consciência de que a escola deve ensinar a ler todos os tipos de textos, mas o texto literário, independente do gênero ou suas subdivisões, possui um apelo aos sentimentos, visto que

a experiência literária brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram. E embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros. (REYES, 2012, p. 27-28)

O papel que já foi da família, atualmente cabe à escola. Na região onde o projeto foi aplicado, muitas vezes os alunos são a segunda geração a ter uma educação formal. A escola é, na maioria das vezes, o único local onde os estudantes têm acesso aos livros. Dessa forma, infelizmente, há pouco espaço, quando o há, para o compartilhamento de leitura, troca de impressões, debates, confronto de opiniões em casa. O espaço que a literatura ocupa na vida de uma grande maioria dos alunos é ínfimo, quase nulo. Se a escola não tomar para si essa tarefa, provavelmente ninguém mais o fará. Na escola onde nosso projeto foi realizado o professor ocupa essa importante função de mediador. Por exemplo: em uma turma, após a leitura de um texto do autor português Manuel Alegre, uma aluna pediu o livro emprestado à bolsista de iniciação à docência. Ora, o coordenador do projeto só leu textos desse escritor já chegando aos 30 anos, enquanto as bolsistas na faixa dos 20 e a aluna do Ensino Fundamental com 12 já tiveram acesso a ele. Experiências como esta são possíveis, basta que se dê uma chance. Há, ainda, uma tendência de se acreditar que os estudantes só compreenderão textos simples, contudo, práticas como a nossa tendem a mostrar o contrário. Se há um tema ou assunto que interessa aos jovens, eles querem ir mais longe, tal como Petit (2009, p. 108) salienta: “Os textos lidos abrem aqui um caminho em direção à interioridade, aos territórios inexplorados da afetividade, das emoções, da sensibilidade; a tristeza ou a dor começam a ser denominadas.”

Ao oferecer textos literários, nos quais há diferentes visões de mundo, podemos contribuir para melhorar esse contato com a interioridade, pois:

A literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 23-4)

Considerações finais

Com tudo o que estudamos a respeito do conto ao longo do projeto, podemos dizer que o gênero tem muito a colaborar na formação de leitores de literatura. Por ser uma leitura breve e rica em saberes, o conto pode contribuir tanto para o crescimento intelectual dos leitores quanto para o incentivo de novas leituras. Ao divulgar a literatura em língua portuguesa por meio de seus contistas, incentivamos a prática da leitura de contos em sala de aula, aprimorando o hábito da leitura literária.

Os dois contos trabalhados em todas as turmas como estudo-piloto tiveram grande aceitação tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores. Além disso, os alunos produziram textos relacionados aos contos quer mudando, por exemplo, o ponto de vista ou final da história, quer criando um novo texto a respeito do tema tratado, ilustrando as histórias ou produzindo histórias em quadrinhos. Acreditamos que contribuímos, ainda que de forma germinal, tanto para a melhoria do ensino de Língua Portuguesa quanto para o fomento à leitura de textos literários.

Compreendemos que o tempo disponível para aplicação *in loco* não era o mesmo da teoria. A prática é sempre mais complexa e imprevisível. Havíamos feito a seleção de muitos textos e elaborado atividades que não puderam ser aplicadas a todos por falta de tempo, pois o projeto tinha o prazo de 18 meses. A tipologia serviu para a nossa curiosidade técnica, muito mais do que prática. Se puder ler e apreciar um texto total e eficazmente, o aluno não precisa classificá-lo nem encaixá-lo em algum rótulo. Talvez essa ânsia em elaborar taxonomias e propor diferentes métodos de análise, muito comum na academia, tenha afastado mais os leitores do que ajudado a formá-los. A escola tem de resgatar o papel de mediador de leitura que o professor tem.

Há um pouco de idealismo e ingenuidade em quem elabora um projeto como o nosso, pois acreditávamos que tínhamos uma possível solução mágica para a salvação do ensino de leitura de textos literários em sala de aula ao buscar a recuperação de um ensino voltado para a riqueza dos textos literários. Mas houve sim boas surpresas ao longo do projeto, pois ofertamos acesso a culturas que de outra forma estariam expostas aos estereótipos comuns em livros didáticos. Nos textos de autores africanos, tem-se a voz daqueles que lutaram por sua independência, para terem direitos que lhes foram negados.

Nosso objetivo não é/foi reinventar a roda, mas mostrar algo que foi prático e viável. Há conteúdos que se repetem e nunca são realmente compreendidos. Se

o foco for a leitura e a discussão de textos com valor estético, formaremos leitores aptos ou proficientes. Entendemos por proficiente o leitor que lê, compreende e discute, relacionando não só o texto com o contexto em que foi gerado, mas com o contexto em que vive. Trazer o texto e as discussões que ele suscita para a realidade do leitor possibilita uma maior interação com o texto e com os valores presentes nele. Ao possibilitar a discussão e o enfrentamento de ideias, o leitor sente-se à vontade. Por que será que milhões de crianças e adolescentes leram e releeram as sagas *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson*, entre outras? Há uma questão mercadológica e comercial por trás do sucesso, sim, há. Contudo, há, pelo menos, um valor também nessas obras: o fato de terem formado leitores. Os jovens que se aventuram e leem mais de mil páginas vorazmente não terão medo ou preguiça de ler grandes obras desde que elas digam algo a eles. O nosso trabalho como professores será o de indicar e encaminhar boas leituras, porém há um problema: a má formação em leituras por parte dos professores. Não devemos indicar somente obras nacionais ou de autores de língua portuguesa, mas também obras de autores internacionais. Apesar da distância geográfica e temporal, Shakespeare e Cervantes são tão bons para discutir quanto Machado de Assis ou Drummond.

Visto que o ensino tem sido visto de maneira produtivista, usaremos números. Se as escolas têm um período de Literatura por semana e o aluno ler um poema por aula, um conto a cada duas, e um romance por mês, em um ano teremos 40 poemas lidos, 20 contos e 10 romances. Essa é uma quantidade enorme de leitura, pois a média nacional é de 1,8 livros. Se aplicarmos o mesmo cálculo para todos os anos em que há Língua Portuguesa, se o professor destinar um período semanal para a leitura, no final da vida escolar, o número é impressionante. Se multiplicarmos por 7, os dados anteriores transformam-se em: 280 poemas, 140 contos e 70 romances. Essa será a carga de leituras na escola, e porventura haverá aquela feita em casa por escolha própria ou indicação de outro leitor, além das sugestões dos professores e dos pais. Se a escola não formar bons leitores, dificilmente haverá outro lugar para formá-los. Nesse rol de leituras podem ser incluídos tanto textos clássicos como contemporâneos. Por que não ler e discutir *Harry Potter* e *Percy Jackson* relacionando-os com a vida escolar, a familiar, a sociedade? Por que não discutir e apresentar mitologia, lendas, fábulas de onde os autores tiraram o repertório para seus livros?

O projeto tinha como intuito aprimorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa e Literatura nas escolas por meio do fomento à leitura de textos literários. Acreditamos que o conhecimento científico produzido na UFFS foi revertido para a comunidade escolar de Cerro Largo e continuará sendo em outros projetos nossos voltados para a formação de leitores.

Referências

- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2001.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GERALDI, J. W. Leitura: uma oferta de contrapalavras. In: GEGE. *O espelho de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 39-46.
- HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- JOUE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.
- LIMA, Hermann. Evolução do conto. In: COUTINHO, Afrânio. (org). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Global, 2005. V. 6
- LINHARES, Temístocles. *Antologia do moderno conto português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MOISÉS, Massaud. *O conto português*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34, 2009.
- REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2010.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.